



CINTEDI



A QUESTÃO DA HOMOFOBIA E DIVERSIDADE SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Autor: Jane Maria Rosa Nunes; Coautor: Valdilei Gonçalves Santos; Coautor: Rosimeire Mundoco Correa; Coautor: Rondiney de Oliveira Mundoco; Orientador: Rosiléia de Oliveira Mundoco.

1 - IFPA – Instituto Federal do Pará Campus Conceição do Araguaia, janemaria_nunes@hotmail.com; 2 - UAB – Universidade Aberta do Brasil em Conceição do Araguaia-PA, cmevaldilei@hotmail.com; 3 - IFPA – Instituto Federal do Pará Campus Conceição do Araguaia, meiremundoco@yahoo.com.br; 4 Centro Universitário Uninter – rondiney.mundoco@hotmail.com; 5 - IFPA – Instituto Federal do Pará Campus Conceição do Araguaia, rosemundoco@hotmail.com.

Resumo: O preconceito sexual é uma das mais sérias intolerâncias vivenciadas na contemporaneidade. Considerando-se a relevância da temática nos dias atuais, pretende-se realizar um estudo científico acerca da homofobia e da diversidade sexual no Brasil, com um enfoque especial no ambiente escolar, perpassando por questões indissociáveis, como o bullying e os fatores históricos que contribuíram para a cristalização do comportamento homofóbico na sociedade. Esta pesquisa justifica-se em virtude da importância da temática, uma vez que a homofobia é uma prática comum no Brasil e que muitas vezes passa despercebido pela sociedade. Como é um tema global, essa incidência também se dá ambiente escolar, o que requer dos profissionais envolvidos bom senso e capacitação para lidar com essa situação, pois nem sempre os casos vêm à tona, o que acaba deixando marcas devastadoras nos estudantes que sofrem esse tipo de violência.

Palavras-chave: Homofobia, ambiente educacional, conservadorismo, *bullying*.

Introdução

Vivemos em uma época de constantes transformações sociais impulsionadas pelo o avanço do conhecimento científico e tecnológico, fim da família tradicional e do patriarcalismo e início de um novo modelo familiar baseado no afeto e não nas relações heterossexuais.

Todas estas transformações cooperam para o aparecimento de inúmeros conflitos, relativos á resistências de certos grupos sociais com relação ás mudanças ideológicas que surgem na sociedade. No Brasil, pode ser verificada a resistência por parte de grupos conservacionistas, os quais pregam uma sociedade baseada em crenças e valores tradicionais.

Esta resistência é impulsionada pela representatividade do conservadorismo, no Congresso Nacional, e que, portanto, está em constante conflito com as mudanças sociais, na defesa e manutenção de valores morais e éticos, os quais consideram únicos, discriminando desta forma as minorias sociais que não se enquadram na sua visão de mundo.

Analisando estes fatores acima, pretende-se realizar um estudo científico acerca da homofobia e da diversidade sexual no Brasil, com um enfoque especial no ambiente escolar,

(83) 3522.3222
contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br



perpassando por questões indissociáveis, como o *bullying* e os fatores históricos que contribuíram para a cristalização do comportamento homofóbico na sociedade.

Esta pesquisa justifica-se em virtude da importância da temática, uma vez que a homofobia é uma prática comum no Brasil e que muitas vezes passa despercebido pela sociedade. Como é um tema global, essa incidência também se dá ambiente escolar, o que requer dos profissionais envolvidos bom senso e capacitação para lidar com essa situação, pois nem sempre os casos vêm à tona, o que acaba deixando marcas devastadoras nos estudantes que sofrem esse tipo de violência.

Trajetória histórica da homofobia

Para Junqueira (2007) o termo homofobia refere-se a todo e qualquer tipo de violência contra pessoas cuja orientação sexual não é heterossexual. Sabe-se que este grupo social, ao longo da sua história foram vítimas da exclusão e discriminação social, sendo que há menos de um século atrás eram mesmo considerados como blasfemos ou aberrações em virtude da sua orientação sexual.

O mundo ao longo da sua história sempre passou por constantes transformações. Estas mudanças não se limitam exclusivamente a questões físicas e ambientais, mas reflete-se no senso comum da sociedade. Desta forma, mesmo a sociedade sofre inúmeras alterações, conforme o avanço científico e tecnológico, mudando conceitos culturais e ideológicos.

Florestan Fernandes (1979, p. 23) fala que:

As sociedades humanas sempre se encontram em permanente transformação, por mais “estáveis” e “estáticas” que elas pareçam ser. Mesmo uma sociedade tida como “estagnada” só pode sobreviver absorvendo pressões do ambiente físico ou de sua composição interna, as quais redundam e requerem adaptações sócio-dinâmicas que significam, sempre, alguma mudança incessante, embora esta seja com frequência pouco visível. (FERNANDES, 1979, p. 23).

As alterações no comportamento da sociedade leva o indivíduo à novas concepções ideológicas sociais. Algumas transformações sociais, no entanto, geram um profundo conflito social, pois, nem todos estão dispostos a se adequarem as mudanças sociais.

No Brasil, por exemplo, notam-se grandes alterações nas concepções sociais, todavia, de acordo com Burkard (2014), junto com estas mudanças, ocorre um profundo conflito social ocasionado pela manutenção de ideologias conservacionistas, a esta conotação denomina-se de modernização conservadora.

O Conservadorismo manifesta principalmente no cenário político brasileiro, através da manutenção de políticas e aprovação de leis contrárias principalmente ao avanço da ideologia de gênero e a concepção da laicidade do Estado.

Acerca deste fato, Hirschman (1992) afirma que o conservadorismo político retrata o medo das mudanças nas relações sociais, desta forma, se estabelece como o enfrentamento a qualquer mudança social estabelecida.

A principal característica do conservadorismo no Brasil é a incessante luta contra as mudanças sociais, desta forma, busca o seu fortalecimento a partir da política na tentativa de inibir qualquer transformação social, que soa ameaçadora para o atual estereótipo considerado como aceitáveis para padrões comuns.

Um dos principais problemas relacionados ao avanço do conservadorismo está relacionado à intolerância para com a diversidade sexual.

[...]. Todavia, muitas demandas ainda estão em fase preliminares de disputa. Esse é o caso da comunidade LGBTIs, que recentemente vem sofrendo reveses dos conservadores políticos, principalmente daqueles oriundos das bancadas religiosas dentro das Assembleias legislativas do Brasil. Avanços e retrocessos ainda marcam a sua história. Nesse contexto, muitas jovens lésbicas, homossexuais ou aqueles que apresentam um comportamento de gênero diferente a norma padrão vêm sofrendo maus tratos em algumas escolas. São vários os casos de lesbofobia e homofobia ocorridos nas escolas brasileiras que vêm influenciando nas tessituras identitárias de todos os estudantes. (Sepulveda e Sepulveda, 2016, p. 146).

O preconceito sexual é uma das mais sérias intolerâncias vivenciadas na contemporaneidade. Segundo Lowy (2015), a sociedade brasileira desde a sua constituição que demonstra preconceito sexual no que se refere às minorias sexuais, principalmente com relação aos homossexuais. Desta forma, entende-se que o avanço do conservadorismo contribui para o aumento dos casos de homofobia no país.

De acordo com Junqueira (2007, p.8):

A íntima relação entre homofobia e normas de gênero tanto se traduz em noções, crenças, valores, expectativas, quanto em atitudes, edificação de hierarquias opressivas e mecanismos reguladores discriminatórios. Assim, pode comportar drásticas consequências às pessoas que ousam descumprir os preceitos socialmente impostos em relação ao que significa ser homem e ser mulher. Nesse sentido, a noção de homofobia pode ser estendida para se referir a situações de preconceito, discriminação e violência contra pessoas (homossexuais ou não) cujas performances 25 e ou expressões de gênero (gostos, estilos, comportamentos etc.) não se enquadram nos modelos hegemônicos postos por tais normas. (JUNQUEIRA, 2007, p.8).

Para Koehler (2013), a homofobia pode ser definida como rejeição ou mesmo ódio irracional aos homossexuais, automaticamente, a qualquer pessoa que apresente uma orientação sexual, que não se enquadre nos padrões ditos como “normais”.

A construção da semântica homofobia deu-se em 1972, pelo psicólogo Weinberg, e trata-se da junção de duas palavras gregas, *homo* que significa semelhante ou homossexual, e por *fobia* entende-se como medo; logo homofobia significa medo de homossexuais. Esta palavra é utilizada para simbolizar todo e qualquer tipo de aversão à relação homossexual.

Borrillo (2001, p. 15) afirma que:

[...] a homofobia desempenha um papel determinante no que diz respeito a uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquia das sexualidades, assim como confere à heterossexualidade um status superior, situando-a no patamar do que é natural, do evidente. (BORRILLO, 2001, p. 15).

De acordo com Koehler (2013), os comportamentos homofóbicos são diferenciados podendo ser traduzida em: violência psicológica, aversão (quando se sente desconfortável ao ficar perto de homossexual), física e fatal, neste ultimo ocorre o assassinato.

A partir deste momento surge no cenário nacional uma grande preocupação com a discriminação contra os homossexuais, o que passa a ser considerada, de acordo com Koehler (2013) uma violação dos direitos humanos. Um grande agravo social também diagnosticado e fator de preocupação é a exclusão social das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT's.

Conceituando bullying

Na língua portuguesa não existe ainda uma tradução precisa para a palavra “*Bullying*”. O escritor e professor Gabriel Chalita (2008) aponta que “muitos pesquisadores definem o fenômeno *bullying* como violência moral” (CHALITA, 2008 p. 81). No entanto, Silva (2010, p.21) define que “a palavra *bullying* ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e ainda sem tradução no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar”.

No imaginário cotidiano, essa palavra comumente remete às situações de coerção, de humilhação pública e perseguição. Essa afirmação se confirma no que explicita Fante e Pedra (2008, p.34) quando dizem que: “*Bullying* pode ser traduzido como valentão, tirano, brigão”. Assim, o substantivo *bullying* se refere à violência física ou psicológica, reproduzidas de forma intencional e repetidamente, praticadas por um indivíduo denominado *bully*, ou por um grupo, cujo objetivo de suas ações é claramente agredir ou intimidar outrem, especialmente aqueles que são incapazes de se defender. Vale ressaltar que o *bullying* também pode ser traduzido como um tipo de assédio moral.

O bullying no ambiente escolar

No ambiente escolar, dia após dia, é comum o educador ou educadora se confrontar com situações que podem ser enquadradas com *bullying*. Frequentemente os pais daqueles que sofrem esse tipo de situação comparecem à escola com o intuito de elucidar os fatos e tentar resolver o problema. Às vezes, não raro, o início desse contexto se dá com alguma

pequena inimizade, antipatia, ou mesmo pela influência de outros, refletindo muitas vezes as orientações adquiridas no seio familiar. Daí a importância de se combater o *bullying* em todos os ambientes, não só o escolar, mas principalmente, o familiar.

Lamentavelmente, os indivíduos que têm uma orientação sexual homoafetiva são os que mais sofrem esse tipo de ataque. E por diversas vezes os atos de violência e importunação ultrapassam os limites da escola, ocorrendo também fora dela. O pior é que muitas dessas situações sequer chegam ao conhecimento do corpo técnico da escola e docentes.

É notório que há algumas décadas, os valores e regras sociais eram mais rígidos e restritos, e os comportamentos acabavam sendo condicionados e podados. Muitas manifestações pessoais eram reprimidas pelo próprio contexto social. No entanto, com as conquistas de expressão maximizada da geração atual, se escancararam também os preconceitos e o desrespeito ao próximo.

De acordo com Calhau (2011, p. 42),

Até bem pouco tempo, o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar, hoje, é preciso dar destaque a escola como um ambiente no qual as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens, contribuindo para educá-los para a vida adulta por meio de estímulos que ultrapassam as avaliações acadêmicas tradicionais (testes e provas). Para que haja um amadurecimento adequado, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram no ambiente escolar e no ambiente familiar. Essas mudanças devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional. (CALHAU, 2011, p. 42).

Desse modo, é possível perceber que o processo educacional também se transformou de forma incrivelmente rápida e desordenada.

Esses reflexos acabaram gerando novas referências e valores, que também são aplicados no contexto escolar. Hoje se vive em uma realidade que infelizmente transparece situações de conflitos e violências, como a agressividade infanto-juvenil propagada e aplaudida por muitos por meio de vídeos disseminados nas redes sociais.

Silva, (2010, p. 21) diz que,

O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de bullying (os bullies), que detalhadamente significa bully – indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. E a expressão bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Seja por uma questão circunstancial ou por uma desigualdade subjetiva de poder, que impõe sua autoridade e mantém suas vítimas sob total domínio. E que por trás dessas ações sempre há um bully que domina a maioria dos alunos de uma turma e “proíbe” qualquer atitude solidária em relação ao agredido. (SILVA, 2010, p. 21).

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Nestas situações, normalmente os agressores não apresentam motivações justificáveis ou específicas. De maneira quase natural, os mais fortes aproveitam dos mais frágeis, utilizando-os como meros objetos de diversão, prazer e demonstração de poder.

Metodologia

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que apresenta como vantagens, segundo Polit *et al* (2004), o aprofundamento da pesquisa buscando compreender o contexto do fato, coleta dados sem instrumentos formais estruturados, não tenta controlar o objeto da pesquisa, mas captar o máximo possível de dados, destaca o individual como forma de tentar compreender e comentar as experiências, analisa as informações registradas de forma organizada.

Para Gerhardt e Silveira (2009), as características da pesquisa qualitativa são:

Objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, rescisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; e oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 32)

Desta forma, acredita que a pesquisa qualitativa, será importante e poderá fornecer a metodologia necessária para o alcance dos resultados propostos neste trabalho científico. Para o alcance dos resultados, pretende-se fazer uso da pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, com análise de obras literárias, artigos, periódicos e revistas científicas disponíveis na internet. Segundo GIL (2010, p 43) “A pesquisa exploratória visa proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo”.

Quanto ao tipo de abordagem, esta pesquisa é exploratória, pois conforme cita Gil (2010), amplia, explana e transforma opiniões, tendo como produto final o esclarecimento de um problema, mediante métodos sistematizados, produzindo maior familiaridade com um problema.

O procedimento utilizado para o alcance dos resultados foi pesquisa bibliográfica, que conforme Fonseca (2002) é realizada através do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas sejam por meios eletrônicos ou escritos. Neste sentido fez se a análise de obras, periódicos, documentos instrumentais, revistas e artigos, buscando garantir o embasamento teórico para a pesquisa.

Resultados e Discussão

A homofobia retrata todo e qualquer tipo de violência contra as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - LGBTs. Entende-se que as pessoas desenvolvem a homofobia no decorrer da sua formação a partir da interação com conceitos moralistas, muitas vezes difusos em suas casas pelos pais e também na escola, a partir da interação com um modelo educacional conservador, gerando uma visão distorcida de mundo e desta forma o preconceito e aversão aos LGBT's.

Tessarioli (2013) comenta que a violência contra os grupos LGBT's é visível, e baseia-se em costumes, conceitos e ideias moralistas transmitidas de pai para filhos. Este modelo sócio cultural é enraizada durante toda a formação e desenvolvimento do ser humano. O autor defende a função educadora da escola e afirma que a mesma deve promover a inclusão de gênero e identidade em seu conteúdo, como forma de minimizar os efeitos da homofobia na sociedade.

A escola pode exercer importante desempenho através da educação voltada para a tolerância e respeito à diversidade. No entanto, o seu papel tem sucumbido diante das constantes tentativas da bancada conservadora do Congresso Nacional, de impedir a tramitação de leis que estejam voltadas para o ensino da ideologia de gênero nas escolas.

Desta forma, nota-se o crescimento dos casos de homofobia no Brasil. Segundo dados do Relatório sobre violência homofóbica no Brasil, produzido pela Secretaria de Direitos Humanos, no ano de 2012:

As violências contra a população LGBT estão presentes nas diversas esferas de convívio social e constituição de identidades dos indivíduos. Suas ramificações se fazem notar no universo familiar, nas escolas, na igreja, na rua, no posto de saúde, na mídia, nos ambientes de trabalho, nas forças armadas, na justiça, na polícia, em diversas esferas do poder público. (Brasil, 2012, p. 11).

A violência contra a população LGBT é algo comum na sociedade, produzido a partir da visão distorcida, muitas vezes proporcionada pelo avanço de concepções ideológicas conservadoras que discriminam e criminalizam a orientação sexual homoafetiva. Neste sentido Mott (2006) defende que a falta políticas públicas que atendam as especificidades da comunidade LGBT.

Dados do Grupo Gay da Bahia (2012) demonstram que o Brasil está em primeiro lugar mundial na violência homofóbica, praticando 44% dos assassinatos contra homossexuais do planeta. Muitos destes assassinatos poderiam ser evitados a partir da inserção de políticas

públicas voltada para o respeito à diversidade sexual, construindo uma nova concepção moral, aonde a inclusão das minorias sociais fosse possibilitada a partir da educação.

Neste sentido Koehler (2013, p.148) afirma que:

As políticas públicas são fragmentadas, seus instrumentos sequer possuem uma definição sobre o que é diversidade sexual e há resistências internas à incorporação da temática nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que abordam a questão sob a ótica de gênero, sem tocar no tema orientação sexual. Pensar sobre estas questões é pensar em desenvolvimento humano e em direitos humanos. Sem políticas públicas gerais, o ambiente escolar tende à manutenção das práticas discriminatórias, desconsiderando de forma irreal que a composição humana se faz pela diversidade, com educadores e professores despreparados para lidar com a temática. (KOEHLER, 2013, p.148).

Esta situação contribui para a manutenção do poder e visão de mundo dissociada da realidade, aonde se discriminam aqueles que não se enquadram aos padrões heterossexuais, estes são vítimas das mais diversas formas de violência homofóbicas. As violências homofóbicas são possibilitadas pela ausência de políticas públicas que informem e conscientizem a sociedade sobre o respeito à diversidade sexual.

Neste sentido, Weeks (2003) aponta que:

[...] precisamos aprender a ver que a sexualidade é algo que é produzido pela sociedade por meio de caminhos complexos. Que ela é resultado de uma diversidade de práticas sociais que dão significado às atividades humanas, de definições sociais e auto-definições, de lutas entre aqueles que têm o poder de definir e regular e daqueles que resistem. A sexualidade não é dada, ela é produto de negociação, luta e agência humana. (WEEKS, 2003, p. 7-19).

Constata-se que na busca pelo respeito à diversidade há um enorme desafio e que a inserção de políticas públicas pode ser a principal ferramenta da inibição da homofobia, a partir da concepção de mundo em que todos tenham direito de exercer a sua cidadania e o respeito às minorias sociais, possibilitando a construção de uma sociedade inclusiva.

Conclusões

Considera-se que a homofobia é uma prática comum no Brasil, que durante décadas passou despercebida pela sociedade moralista e que somente nos últimos anos, tem afluído, sendo alvo de reflexões, debates e propostas de políticas objetivando abolir tal prática dos costumes culturais da sociedade brasileira.

Sabe-se que embora a diversidade sexual sempre tenha existido no mundo, somente a partir da década de 70 começou a ser analisada pelos órgãos internacionais de saúde, como uma orientação sexual normal da raça humana, deixando de estar inclusa no rol de doenças psicológicas.

O fato de durante séculos os indivíduos homoafetivos terem sido inferiorizados e caracterizados como pessoas com problemas mentais ou mesmo pecadores profanos, gerou na sociedade uma profunda marca de preconceito e a aversão, ocasionando a perseguição e a discriminação dos LGBT's.

Quando se trata do ambiente educacional, o assunto se torna um tanto mais delicado, pois requer dos profissionais envolvidos ações que venham a combater os casos de discriminação e intolerância aos indivíduos homoafetivos. Especialmente quando se tratam de crianças e adolescentes, há uma natural exigência por parte dos envolvidos no que diz respeito à capacitação adequada, controle emocional, maturidade e bom senso ao lidar com estas situações. Aliás, esse tipo de situação não é difícil de encontrar.

Com o avanço do conhecimento tecnológico e científico, paradigmas foram quebrados, mudanças profundas ocorreram na sociedade, o mundo reconheceu a homoafetividade como uma identidade de gênero e não uma perversão sexual. Houve mudanças nas concepções de família e de relações sexuais, todavia, a homofobia, especialmente no contexto escolar brasileiro, ainda é uma prática comum e que em alguns casos passa despercebida pelos indivíduos envolvidos.

Entende-se por homofobia o sentimento de rejeição ou mesmo ódio por pessoas homossexuais, podendo resultar em diversos tipos de violência, que vão desde o ato de xingar ou maltratar com palavras, ao ato de espancar e até mesmo de matar.

A homofobia é incentivada pelo avanço do conservadorismo no Brasil, o qual não reconhece as intensas e contínuas mudanças sociais da atualidade, negam a família homoafetiva, lutam para impedir que temas como a ideologia de gênero sejam implementadas na educação formal, não reconhecendo, desta forma, os direitos dos grupos LGBT's, praticando a intolerância sexual e incentivando atitudes preconceituosas praticas por diversas instancias da sociedade.

Desta forma, a prática da tolerância no que se refere à orientação sexual, ainda é um desafio no Brasil, especialmente para educadores, diretores e orientadores pedagógicos nas escolas, uma vez que a disseminação dos conceitos homofóbicos inicia ainda na infância, quando o individuo recebe em sua formação uma sobrecarga de conceitos heterossexuais.

Porém, nota-se que há por parte dos grupos sociais uma grande mobilização na tentativa de desarticular esta visão preconceituosa, trazendo à tona os inúmeros sofrimentos aos quais o aluno homossexual é exposto em virtude da sua orientação sexual, enfatizando que o mesmo é um cidadão cuja vida deve e escolhas pessoais devem ser respeitadas e valorizadas.

Referências

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

BRASIL, (2012). **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos.

BURKARD, JULIANA F. **Processos de modernização conservadora no Brasil: uma leitura de recordações do escrivão Isaías Caminha**, de Lima Barreto. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação apresentado a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Frederico Westphalen, 2014.

CALLHAU, Lélío Braga. **Bullying: O que você precisa saber identificação, prevenção e repressão**. 3ª ed. Niterói: Impetus, 2011.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade - Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores**. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2008.

FANTE, Cleo & PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: Perguntas & Respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira**. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GRUPO GAY DA BAHIA (2012). **Relatório 2012: Assassinatos de homossexuais (LGBT) no Brasil**. Banco de Dados. Grupo Gay da Bahia. Disponível em <http://homofobiamata.wordpress.com/>. Acesso em 10/03/2018.

HIRSCHMAN, Alberto. **A Retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

JUNQUEIRA, R. (2007). **O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar**. In Seminário: Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande. Anais. Rio Grande, RS: FURG.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas: estudos gays**. V.1, n.1, jul./dez. 2007.

KOEHLER, Sonia M. F. **Homofobia, cultura e violências: a desinformação social**. Disponível em: <http://www.eses.pt/interaccoes>. Acesso em 08/04/2018.

LOWY, Michael. **Conservadorismo e Extrema-Direita na Europa e no Brasil**. Revista Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.044>. Acesso em: 09/06/2018.

MOTT, L. **Homo-afetividade e direitos humanos**. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 509-521. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 03/03/2018.

SEPULVEDA, José A.; Sepulveda, Denize. **O Pensamento Conservador e sua relação com práticas discriminatórias na Educação: A importância da laicidade**. Revista Teias, v. 17 • v. 17 • n. 47. Out.-Dez., 2016.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentos perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010.

TESSARIOLI, G. M.. **Todos a favor da educação sexual**. In H. C. F. Ribeiro, et al. (Eds.). *As minhas, as suas, as nossas sexualidades*. São Paulo: CEPCoS. 2013.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality** (Key Ideas). Ed.2. Routledge, 2003.